

O amanhecer deixou de ser uma tentação

- A epopeia da Juventude Sandinista na Nicarágua -

Luciano Rezende Moreira*

O dia 19 de julho de 2009 foi efusivamente comemorado na Nicarágua. Ele marcou a passagem dos 30 anos da Revolução Popular Sandinista, feito de grande significação histórica para esse país e toda a esquerda latino-americana e mundial. Um fato histórico que contou com imenso protagonismo da juventude.

Nas festividades, a Juventude Sandinista, também conhecida como Juventude 19 de Julho (JS-19 de Julio) – em referência à data da Revolução ocorrida no ano de 1979 –, tomou as ruas para rememorar a saga que se iniciou há muitas décadas e que tem hoje sua continuidade no governo do presidente Daniel Ortega, histórico líder da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN).

A Juventude Sandinista é a organização juvenil da FSLN e tanto seus organismos quanto seus membros aceitam os princípios e o programa da Frente. Mesmo assim, é importante destacar que a formação dessa juventude antecede a própria fundação da FSLN. Ou seja: a JS é herdeira da longa trajetória de lutas de uma juventude que ousou resgatar o nome de Augusto Nicolás Calderón (César) Sandino, ou simplesmente Sandino, e tomá-lo como referência no prosseguimento da campanha pela libertação nacional, erguendo bem alta a bandeira rubro-negra.

Força propulsora do governo de Daniel Ortega, que retomou o poder pela via eleitoral, a JS destaca-se fortemente em diversas atividades sociais, no movimento estudantil e na atuação internacionalista. Em um passado não tão longínquo, entre-

“Hoy el amanecer dejó de ser una tentación mañana algún día surgirá un nuevo sol que habrá de iluminar toda la tierra que nos legaron los mártires y héroes con caudalosos ríos de leche y miel”

(Trecho do Hino da Unidade Sandinista, de Carlos Mejía Godoy)



Membros da Juventude Sandinista

A Juventude Sandinista é a organização juvenil da FSLN e tanto seus organismos quanto seus membros aceitam os princípios e o programa da Frente. Mesmo assim, é importante destacar que a formação dessa juventude antecede a própria fundação da FSLN.



Manifestação liderada por militantes da Frente Sandinista

tanto, sua intervenção política era bem diferente da atual: a JS precisou pegar em armas para derrotar a ditadura.

Prelúdio de uma história de heroísmo em prol da libertação nacional

Constituída em 1961 por jovens como Carlos Fonseca Amador, Silvio Mayorga, Tomás Borge e outros revolucionários nicaraguenses, a Frente de Libertação Nacional adota, já em

1963, o nome da lendária figura de Sandino, alvo de uma torpe e prolongada campanha de desmoralização patrocinada pela classe dominante local. Passa então a intitular-se Frente Sandinista.

O jovem General Sandino havia morrido 27 anos antes, em 21 de fevereiro de 1934, quando contava 39 anos de idade, vítima de uma emboscada orquestrada por Anastasio Somoza García, então chefe da temida Guarda Nacional. Regressava de um jantar com o presidente Juan

Bautista Sacasa na Casa Presidencial quando foi traído e executado friamente a mando do imperialismo ianque, o qual tanto combateu com seu Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, composto majoritariamente por jovens camponeses pobres que se entregaram à luta de guerrilhas entre as Segóvias (montanhas) do país.

Com a morte de quem havia organizado a resistência contra a intromissão norte-americana, junto a tantos outros patriotas que tombaram vítimas do terror da Guarda Nacional local e dos *marines*, Somoza se tornaria, já em 1936, presidente da Nicarágua, contando com o apoio direto dos Estados Unidos. Iniciava-se mais uma ditadura que só terminaria com a tomada do poder pela FSLN em 1979.

A imagem de Sandino difundida pelas classes dominantes era a de um bandoleiro ou bandido comum que merecera ser exterminado. O salteador de ontem é o pretense terrorista de hoje, invocado para justificar o aniquilamento de muitos anti-imperialistas pelos EUA. Mudam-se as acusações, permanece o método.

O protagonismo juvenil na formação da Frente de Libertação Nacional

Em março de 1959 é criada a Juventude Democrática Nicaraguense (JDN), por iniciativa dos futuros líderes da FSLN, sobretudo Carlos Fonseca e Silvio Mayorga. No final desse mesmo ano a entidade desaparece para dar lugar à Juventude Revolucionária Nicaraguense (JRN). A JRN não chegou a ser influente dentro do país, embora gozasse de prestígio nos centros de exílio nicaraguenses em Cuba, México e Costa Rica. A partir daí, estabelece contato com a Juventude Patriótica Nicaraguense (JPN), vinculada ao Partido Conservador, que abrigava em suas fileiras o jovem Daniel Ortega e outros importantes líderes futuros da FSLN.



Cartaz estampa foto de Augusto Sandino

Em 1960 a JPN agita o país com uma série de mobilizações em distintas cidades. São protestos contra a ditadura e em oposição à crescente repressão patrocinada pelo somozismo, sobretudo após as manifestações estudantis de apoio ao novo governo cubano que acabara de despojar do poder o ditador Fulgencio Batista. No início de 1961 surge a organização embrionária do que viria a ser a Frente de Libertação Nacional (FLN), o Movimento Nova Nicarágua. Esse agrupamento estabeleceu bases em algumas cidades do país, embora seu quartel-general ficasse em Honduras. Em pouco tempo o Nova Nicarágua dissolveu-se para dar lugar à FLN.

Carlos Fonseca mais tarde diria que “a Frente não nasceu de uma assembleia ou de um congresso, nem sequer lançou um manifesto anunciando sua criação. Tampouco apresentou um programa. Na constituição da Frente primeiro existiu a ação. A partir daí, baseada em suas primeiras experiências, ela foi se formulando e reformulando... A Frente é um produto genuíno da história popular da Nicarágua”. De fato, a formação da Frente, fortemente impelida por uma necessidade histórica impostergável, não contou em seu início com um processo teórico ou organizativo mais definido. Ao contrário disso, teve um forte viés voluntarista, fato que contribuiria para alguns reveses no futuro. A FSLN foi gestada, no entanto, no calor dos embates.

Pátria livre ou morrer

Inspirados na jovem Revolução Cubana – que dava seus primeiros passos – e movidos pelo exemplo de Sandino, Fidel e Che, que apostaram na tática da guerrilha nas montanhas com o apoio do campesinato, a FSLN adotaria um rumo semelhante, investindo na guerrilha rural apoiada pelos camponeses, visando a uma insurreição geral para derrotar a ditadura somozista. No início predominava, portanto, a tática “foquista”.

Entretanto, em função de alguns reveses políticos e derrotas militares, a guerrilha não vingou. Como afirmou Tomás Borge em entrevista de 1979, “a guerrilha não prosperou. Em verdade, porque a guerrilha era muito atrasada. Não havia conhecimento do terreno, não havia linhas logísticas de abastecimento, não existiam condições para que uma guerrilha pudessem avançar”.

Entre 1963 e 1967 a FSLN se posiciona com uma política mais voltada às alianças e mais próxima do trabalho da esquerda tradicional. Nesse período, em que se aproxima das massas populares, é fundada a Frente Estudantil Revolucionária (FER), entidade que atuou no marco legal do movimento estudantil (mesmo assim duramente reprimida). A FER foi uma espécie de braço estudantil da FSLN para organizar os estudantes e demais jovens urbanos das principais cidades, tanto das universidades como das escolas secundárias. Todavia, a tática de luta predominante ainda era o foquismo.

Com o passar dos anos a FSLN foi sendo cada vez mais identificada por todos os setores da sociedade como força de oposição à ditadura somozista. A juventude cada vez mais admirava os comportamentos heróicos da FSLN – que lutava em condições de inferioridade contra a Guarda Nacional – e se incorporava à luta revolucionária antiditatorial.

A FSLN vai ganhando cada vez mais adeptos, em sua maioria jovens que se incorporavam às fileiras guerrilheiras. A partir daí vão sendo constituídas diversas frentes de combate, até que em 1979 é firmado um acordo pela unidade que seria o grande desenlace para a tão clamada libertação nacional. Em junho é chamada a ofensiva final com uma greve geral. Em 19 de julho a FSLN entra em Manágua pondo fim à ditadura dos Somoza e dando início à Revolução Sandinista, assumindo o país através da Junta de Governo de Reconstrução Nacional.

Estudo, defesa, produção

Ao comemorar os 30 anos da chegada ao poder, a Juventude Sandinista se destaca na atualidade em diversas frentes de atuação, todas em defesa da Revolução. Essa mesma Revolução que sofreu um profundo golpe nas eleições de 1990, quando Violeta Chamorro venceu o então candidato Daniel Ortega, da FSLN – que, após um esforço de reposicionamento, retornaria ao poder 16 anos depois, nas eleições de 2006.

Foi justamente esse mimetismo – essa enorme capacidade de adaptar sua ação política face a diferentes situações – o fator fundamental para a sobrevivência do trabalho juvenil da FSLN, que tem revelado uma boa compreensão dialética da política em jogo.

Mesmo com diferentes táticas para cada momento histórico (inclusive algumas equivocadas), a bandeira da JS, que leva o lema “estudo, defesa, produção”, nunca foi arriada e tampouco deixou de tremular.

Essa mesma organização, que não hesitou em recorrer às armas quando foi necessário, hoje se empenha pelo êxito de variadas missões de solidariedade e trabalhos de incentivo ao voluntariado. São inúmeras brigadas juvenis se revezando em serviços que vão da troca de lâmpa-

A experiência da JS atesta não haver contradição entre práticas políticas como a militância partidária tradicional e ações no âmbito do chamado voluntariado social.



Militantes da FSLN durante a década de 1980

das em postes públicos (visando à economia de energia) até trabalhos como construção e reparação de casas e escolas, sejam as atingidas por furacões, sejam aquelas esquecidas por quase duas décadas pelos governos neoliberais. Além disso, são lideradas campanhas de solidariedade internacional, pela erradicação do analfabetismo, pela elevação da cultura e pelo incremento da produção agrícola, entre tantas outras que se somam ao objetivo central de defesa do chamado Poder Cidadão.

Por tudo isso, esses jovens situados em um pequeno e bravo país da América Central se tornaram referência para toda a juventude latino-americana. A Juventude Sandinista mostra como se pode e deve adaptar a tática para, a serviço da estratégica, alcançar os objetivos propostos.

E mais: a experiência da JS atesta não haver contradição entre práticas políticas como a militância partidária tradicional e ações no âmbito do chamado voluntariado social. Essa constatação baseia-se em um longo processo de aprendizado aliado à prá-

tica revolucionária, como também na exigência histórica de incorporar um grande contingente de jovens, com variadas aptidões, mas com um único ideal: o de levar adiante o ideário de Sandino – Pátria e liberdade! 🗣️

* **LUCIANO REZENDE MOREIRA** é doutorando em Fitotecnia pela Universidade Federal de Viçosa. Ex-presidente da Associação Nacional de Pós-graduandos (ANPG), foi também diretor executivo da Organização Continental Latino-Americana e Caribenha de Estudantes (OCLAE).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGE, Tomás. **Carlos, el amanecer ya no es una tentación**. Editorial Nueva Nicaragua.

HARNECKER, Marta. **Pueblos en armas**. Editorial Nueva Nicaragua.

NÚÑEZ, Orlando. **La oligarquía en Nicaragua**. Managua: CIPRES, 2006.

ORTEGA, Daniel et alii. **Nicaragua: Por una cultura revolucionária**. São Paulo: Hucitec, 1987.

SELSER, Gregorio. **General de Hombres Libres**. Buenos Aires: Educa, 1980.